

Fora de Série

16-12-2011

Tiragem: 34000

País: Portugal

Period.: Mensal

Âmbito: Lazer

Pág: 140

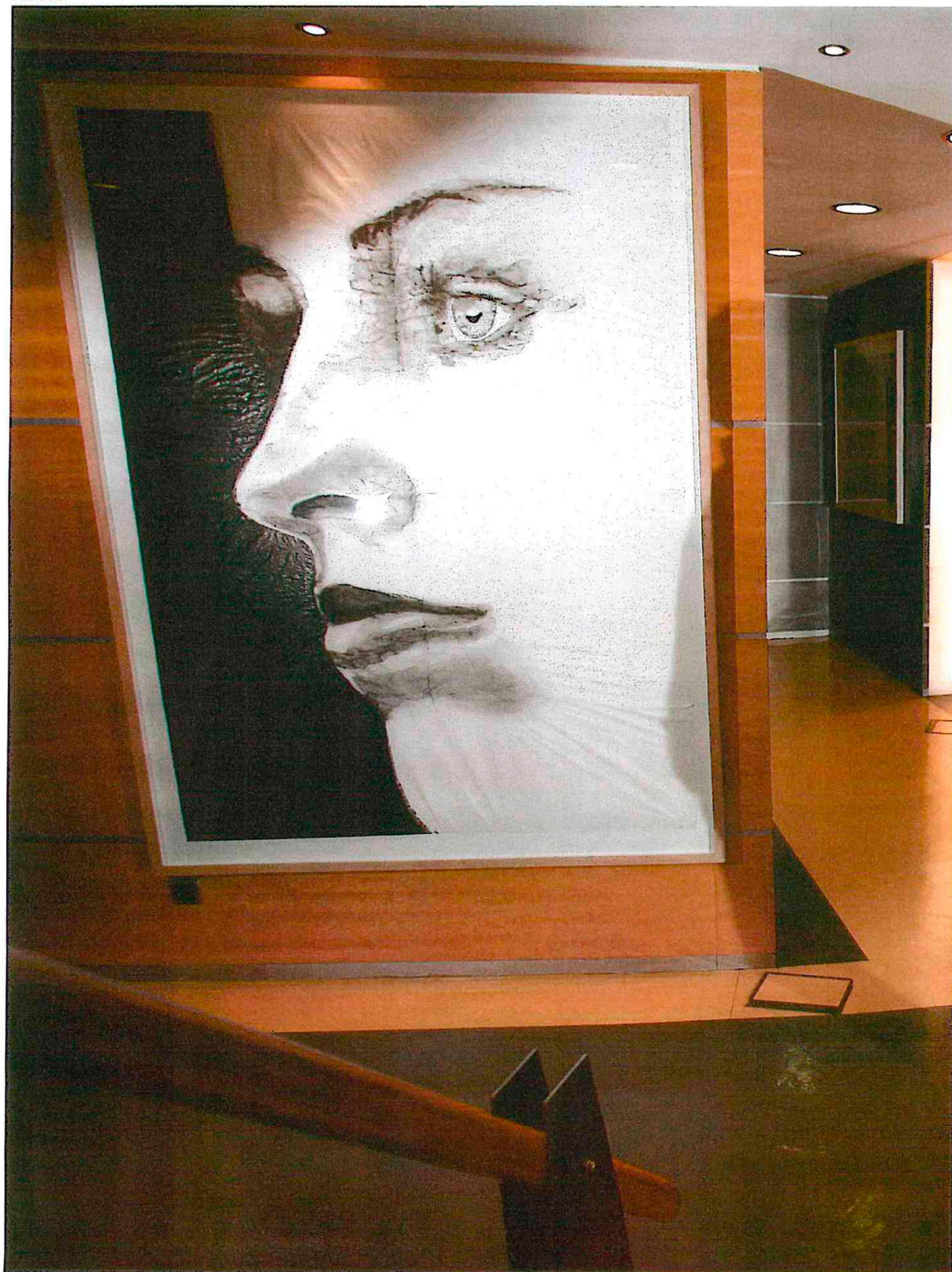
Cores: Preto e Branco

Área: 27,91 x 37,06 cm²

Corte: 1 de 3



Artes





MIL E UMA OBRAS

A Fundação PLMJ tem um dos acervos mais representativos da arte contemporânea das últimas décadas em Portugal. Faz dez anos e quer continuar a encontrar talentos. É preciso que o mecenato funcione em tempo de crise, defende Sáragga Leal numa conversa com fundo provocador.

TEXTO DE ISABEL LUCAS
FOTOGRAFIA DE JOÃO PAULO DIAS

Uma balança deformada, desconjuntada, presa por um arame, um conjunto de peças torcidas num contorcionismo forjado. É a figura da justiça. Cegueira feita de sal, esferovite, madeira e ferro sai das mãos e da cabeça do artista plástico João Pedro Vale. É de um branco que fica ofuscado pelo branco da luz que a ilumina e o branco da parede onde se projecta. Tanta brancura encandeia. Justiça? Chama-se "Blindness", é de 2007 e foi um presente da fundação PLMJ ao escritório PLMJ, sociedade de advogados, e inspirada nas palavras de Fernando Pessoa, "ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal...". Está à entrada do escritório da Avenida da Liberdade e os mais apressados talvez não repararem nesta justiça em forma de arte, uma das peças da fundação com o mesmo nome da sociedade da qual nasceu em 2001 e que, neste momento, conta com um acervo de mais de mil peças entre pintura, desenho, escultura, fotografia e vídeo de autores portugueses e, mais recentemente, dos países da CPLP.

Veremos João Pedro Vale repetir-se, um pouco à frente, numa escultura feita de caricas de cerveja e a replicar-se na galeria da Rua Rodrigues Sampaio,

Artes

numa exposição reveladora da versatilidade artística deste lisboeta com raízes nos Açores e que anda um pouco por aí, trazendo Nova Iorque numa ardósia pintada a giz, ou um arraial português, ou um vídeo que se projecta tão cosmopolita quanto ele. "English as She Spoke", assim se chama a exposição, é um exemplo da falta de conservadorismo e da aposta da fundação em acompanhar a evolução da linguagem artística. E se for para provocar espíritos tanto melhor, como nota o homem por detrás deste conceito: o de ser mecenas de quem anda a dar os primeiros passos nas artes plásticas e se revela capaz de fazer uma boa caminhada. Mesmo em tempo de crise.

"Nestes dez anos conseguimos ter uma colecção bastante representativa da arte contemporânea em Portugal, sobretudo desde a década de oitenta até à actualidade", resume Sárágga Leal, um dos sócios do escritório e mentor da Fundação PLMJ que tem por objectivo precisamente a divulgação da obra de nomes emergentes ou 'off' nas artes plásticas em língua portuguesa, mais vincado ainda no projecto a que deram o nome de "Opções e Futuros". Apropriando-se de um conceito financeiro, pretendem "fazer o mapeamento da produção emergente e aplicar a isso um critério selectivo". A declaração pode parecer modesta quando confrontada com uma realidade de salas e corredores onde se vêm quadros de Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Pedro Proença, Adriana Molter, instalações de Joana Vasconcelos ou uma escultura de 2008 de Rui Chafes, "Eu sou como tu", um antimonólito, com seis metros de altura e uma tonelada de peso em ferro forjado, mesmo à saída da porta, no passeio da Avenida, uma doação da fundação à cidade com a única condição de ficar centrada com o número 224, para comemorar os 40 anos do escritório. Todos estes nomes já foram emergentes. Hoje são consagrados, reveladores do instinto e gosto certos de Sárágga Leal. Como o quadro que serve de fundo a esta conversa, uma descoberta sua numa noite em que foi beber um copo à Galeria Zé dos Bois, no Bairro Alto, e tropeçou na obra do artista Pedro Amaral. "Estava lá uma exposição com esta iconografia a remeter para a imagem propagandística da Coreia do Norte e achei imensa graça". Seguiu-se uma exposição, "Medo do Escuro". "Escolhi este quadro por conter alguma ironia, três líderes de punho erguido que coloquei nesta sala do conselho de administração composto por três pessoas". Provocação? Claro. É um dos 'off' ou 'outsider', artista que não povoa os circuitos do costume, mas de mérito inquestionável para o investidor.

Primeiro a trabalhar sozinho e desde há cinco anos aconselhado pelo curador Miguel Amado, o jurista confessa a sua tendência para comprar por impulso, ou melhor, seleccionar por impulso. "Um impulso informado", sublinha, que deixa marinar no sono, mes-

**SE FOR PARA
PROVOCAR ESPÍRITOS
TANTO MELHOR,
DIZ SÁRAGGA
LEAL, O MECENAS
DE QUEM ANDA A
DAR OS PRIMEIROS
PASSOS NAS ARTES
PLÁSTICAS. MESMO
EM TEMPO DE CRISE.**



TENTAR A SORTE

"Try your luck" lê-se no acrílico sobre tela de Pedro Casqueiro. Um quadro a que chamou "Toy text A", com data de 1998 e uma das primeiras obras da Fundação PLMJ. Uma obra que era para não estar ali, não fosse Sárágga Leal ter sido vítima da sua própria "batota". Ele explica, passados dez anos e na esperança de que esse "crime" tenha prescrito. "Quando o escritório abriu, algumas galerias e artistas emprestaram obras para que se fizesse uma exposição. Reuniram-se 180 obras de 80 artistas nacionais. O compromisso foi o de que compraríamos 40 peças", lembra o advogado. Cada convidado votaria numa obra e colocaria esse voto numa urna. O escrutínio iria determinar 30 obras a adquirir. A escolha das restantes dez seria da responsabilidade da fundação. Contados os votos, a democracia provou não ser um sistema perfeito. "Verificámos que algumas das mais votadas não tinham o mesmo grau de qualidade e algumas não iriam mesmo ser compradas". Crime confessado. Este "Toy Text A" não se encontrava à venda. Pertencia à colecção particular de Sárágga Leal e estava na exposição porque o advogado quis que Pedro Casqueiro estivesse representado. "Emprestei-a. Foi nacionalizada", ri. Ou seja, nunca mais voltou às paredes da casa de Sárágga Leal.

mo que se obrigue demorar na decisão. "Não se pode comprar por entusiasmos". É assim desde que a fundação existe. Era ainda mais assim naquilo a que chama a "pré-história da fundação", há uns 13 ou 14 anos, quando começou, pontualmente, a adquirir obras que colocava nas limitadas paredes do escritório da Silva Carvalho e já de olhos na mudança para a Avenida da Liberdade, onde haveria um espaço pensado de raiz para acolher não apenas advogados, mas arte. Não há compra que não passe pela sua decisão, ainda que actualmente isso resulte de uma espécie de triagem feita por Miguel Amado. Por isso não é exagero dizer que Sárágga Leal conhece a fundo cada uma das obras da fundação a que todos os advogados da sociedade dão apoio. E até há pouco podia também afirmar que conhecia todos os artistas. "As coisas mudaram um pouco desde há dois anos, quando começámos a investir em artistas dos países da CPLP. Alguns nunca vi", confessa acerca deste investimento na arte fora de Portugal que, de certo modo, acompanhou a expansão do escritório para Angola e Moçambique.

Sem revelar a dotação anual da fundação para a compra de obras, nem o valor do espólio que vai rodando de salas, de gabinetes e corredores, que passa pelos escritórios de Lisboa, Guimarães, Coimbra, Porto, Faro, Açores, que não se fixa e se pretende rotativo, Sárágga Leal anuncia mais um livro para comemorar uma década. "Dez anos, cem obras", uma selecção das peças mais significativas numa perspectiva antológica. Ao livro há-de juntar-se uma obra de arte. Essa ainda não tem nome nem história. "Não vai ser uma compra. Queremos algo mais simbólico", anuncia Sárágga Leal, dizendo que neste momento não tem muito mais para anunciar. Risos. Lembra a encomenda feita em 2007 a João Pedro Vale. Quer algo com o idêntico peso simbólico e há-de ter a assinatura de um artista de língua portuguesa. Essa é a certeza. Depois hão-de ser mil e uma as obras da fundação. **15**

